

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE OUTUBRO DE 1978



**"Reconhece-O em
todos os teus caminhos, e Ele
endireitará as tuas veredas"**

—Provérbios 3:6

CONHECIMENTO BÁSICO

—Jorge de Barros

Na biblioteca da escola havia revistas e jornais de vários títulos e procedências. Exigiam as aulas de jornalismo que comparássemos notícias dadas por cada um deles sobre o mesmo assunto.

Os textos variavam largamente. Medidas que este diário achava excelente, outro criticava com severidade. O libertador nesta revista é o terrorista da outra.

Páginas de confusão para um mundo que já não sabe a quem acreditar!

A opinião de muitos é um cauteloso "A ninguém!" Temos dispositivos sociais que concretizam a desconfiança. A nossa papelada para contratos, acordos, recibos e declarações de dívida, oferece denúncia constante ao limitado crédito que damos a compromissos verbais. Prejuízos graves universalmente sofridos, apoiam essa cautela.

O pior é quando ela é transferida ao campo espiritual. A quem devemos acreditar? Num mundo de milhares de confissões religiosas, só o contacto leve com todas elas consumiria uma vida. Agrava-se ainda o facto de muitas delas se subdividirem em congregações e grupos, alguns de ênfase radical.

O problema vem de longe. Para o situar devidamente, tem a idade do mundo. A solução, porém, pertence a

cada indivíduo de cada momento da história.

O apóstolo Paulo viveu em dias de grande confusão religiosa. A frustração levou vários fanáticos a resolver o assunto à pedrada e por outros actos de violência. Paulo encontrou satisfação completa num conhecimento a que chamaremos de básico, por ser mais importante que a afiliação a qualquer igreja. Declarou: "*Eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia*" (II Timóteo 1:12).

Um outro apóstolo, Pedro, nos incita a saber dar a razão da nossa fé: "Estai sempre preparados para responder . . . a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (I Pedro 3:15).

Veremos, assim, que figuras básicas do Cristianismo nunca recomendaram a fé ignorante e cega, mas uma compreensão clara do porque cremos em Deus.

Segundo Paulo, os argumentos para a firmeza da fé incluem conhecer pessoalmente a Jesus e a força do Seu poder em nós. Quando falta este ponto básico, só nos restam conjecturas e especulações teológicas. A fé tem alicerces palpáveis.



—William M. Greathouse
Superintendente Geral

A promessa mais preciosa de Cristo foi que o Pai enviaria no lugar do Filho "outro Consolador", que permaneceria com os discípulos e a Igreja para sempre.

Qual é a importância da promessa do Senhor?

"Confortador" é uma palavra rica de significado. Vem da palavra grega *Parakletos* que indica, literalmente, "Alguém chamado para estar conosco" — como nosso Advogado, Guia, Ajudador e Consolador.

"Advogado" é um dos termos mais comuns. O Dr. G. Campbell Morgan e o Dr. Samuel Chadwick falavam ambos no mesmo culto de uma convenção religiosa. Opondo-se à tradução de "Confortador ou Consolador", Chadwick mostrou preferência pelo termo "Advogado". "Eu nunca chamaria ao meu advogado um consolador", explicou.

Quando Morgan se levantou para falar, disse: "Peço licença para discordar do meu caro amigo; se eu precisasse de um advogado, teria grande consolação em saber que o meu caso estava nas mãos de um perito".

"Conselheiro" é outra versão. O Espírito conhece tanto as nossas próprias frustrações como a mente do Pai e só Ele pode dar conselho perfeito referente à vontade de Deus a nosso respeito (Romanos 8:26-27).

"Ajudador" é mais uma tradução sugestiva. O Espírito fortalece-nos nas fraquezas, guia-nos nas perplexidades, encoraja-nos nas desilusões e consola-nos nas aflições.

Mas o termo "confortador" ainda tem mais razões que o justificam. Provém de duas palavras latinas e significa, à letra, "com força". O Espírito é o nosso divino Fortificador. Paulo orou pela igreja de Éfeso: "Para que . . . vos conceda que sejais corroborados, com poder, pelo seu Espírito, no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações" (Efésios 3:16-17).

Cita a íntima ligação entre o Espírito e Cristo. No discurso do cenáculo também é revelada esta íntima relação: "O Pai vos dará *outro Consolador*", disse Jesus. O termo é claro: significa "outro da mesma espécie". Tudo o que Eu tenho sido para vós — Mestre, Guia, Consolador — o Espírito o será.

A comunhão, porém, é ainda mais íntima. "Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós", acrescenta Jesus (João 14:18). A referência óbvia, como anota Wesley, é ao Dia de Pentecostes. Através do Espírito, Cristo habita no Seu corpo, a Igreja.

Durante o estalinismo na Rússia, os cristãos foram perseguidos. Dois oficiais encontraram um grupo de adoradores. "Conta-os", ordenou o capitão. "São 19", respondeu o tenente. Um cristão protestou: "Não, somos 20". "Conta-os novamente", foi a ordem. "Conto apenas 19, senhor". Então o cristão explicou: "Não, somos 20 — Jesus está aqui!"

"A tarefa do Consolador", diz Michael Green, "é generalizar a presença de Jesus". Cumpre-a maravilhosamente através de todos os crentes. □

A PROMESSA DO CONSOLADOR


O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Outubro de 1978 Número 20

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



A MENSAGEM DE ROMANOS 7

—A. R. Deasley*

O capítulo 7 de Romanos tem sido por muito tempo um motivo de discordância entre teólogos. Muito mais importante do que saber se descreve a experiência espiritual de Paulo, é reconhecer se é típico da experiência cristã em geral e, em caso afirmativo, de que fase.

Os intérpretes de tradição calvinista insistem que a luta titânica entre o deleitar-se na lei de Deus e a "outra lei" que contra ela guerreia, reduzindo o indivíduo a um estado de ruína espiritual, é característico da vida cristã normal.

Qualquer tentativa para "dissecar" este capítulo será vã. Contudo, poderá ser útil analisar os argumentos de ambos os lados para tentar esclarecer o conteúdo da passagem, num esforço que vise encontrar a sua mensagem para a vida cristã.

Para começar, vejamos as razões apontadas para se ler o capítulo como se fosse descritivo da vida do crente regenerado. Em primeiro lugar, assinala-se que a secção da epístola em que está inserido —capítulos 5 a 8— trata da vida cristã, sendo portanto natural que o capítulo 7 também o faça.

Em segundo lugar, aponta-se que os verbos da secção principal do capítulo (vs. 14-25) estão no presente ("Sou carnal" —v. 14; "Miserável homem que eu sou!" —v. 24), provavelmente descrevendo experiências actuais. Isto é mais notável ainda por os versos

1-13 estarem no passado (veja por exemplo os vs. 9-13).

Em terceiro lugar, afirmam que algumas frases usadas para descrever o sujeito desses verbos são totalmente inadequadas ao não-regenerado. Este não diz: "Aborreço o mal" (v. 15); "Quero fazer o bem" (v. 21); "Tenho prazer na lei de Deus" (v. 22). Pelo contrário, a descrição de Paulo da vida não-regenerada encontra-se nos capítulos 1 a 3, onde apresenta uma nítida rejeição de Deus e deleite no pecado por parte do não-crente (veja 1:28-32; 3:10-18).

Por último, argumentam que a vida do convertido não consiste em vitória sem esforço, mas corresponde ao conflito, derrota e desapontamento descritos na passagem.

Contudo, todos estes argumentos podem ser refutados. Aos que dizem que o capítulo 7 se deve referir à vida cristã porque esta é o tema dos capítulos 5 a 8, respondemos que isto não é completamente exacto. O capítulo 7 é endereçado aos "que sabem a lei" (v. 1), e refere-se de modo explícito a eventos da vida de Paulo como judeu (vs. 7-9). Não há indício da crise pela qual ele se tornou cristão, e existe total ausência de terminologia cristã.

Do mesmo modo, o argumento baseado no tempo dos verbos não é convincente. No v. 14 não há ênfase na mudança do passado para o presente, como se estivesse a cruzar um ponto importante

na biografia de Paulo. Pelo contrário, pode simplesmente tratar-se do presente histórico ("Eis que chega César") para aumentar a vivacidade da narrativa.

Quanto ao terceiro ponto, que algumas frases são inaplicáveis ao não-regenerado, o inverso também é verdadeiro. Há algumas frases que também não se aplicam ao regenerado. Termos como "vendido sob o pecado" (v. 14), "miserável homem que eu sou!" (v. 24), e todo o quadro de impotência espiritual (v. 17) e constante derrota (vs. 19, 22-23) estão em desacordo com o conceito da vida redimida apresentado pelo Novo Testamento.

"... Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (João 8:36).

"Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (II Coríntios 5:17).

"Aquele que pratica o pecado procede do diabo... Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo" (I João 3:8).

Finalmente, se é verdade que a vida do cristão não consiste de vitória sem esforço, também é verdade que não consiste de contínua derrota e miséria. Como indicam as passagens que citámos, muito mais pode e deve ser esperado.

O centro do problema não é se a experiência descrita pode corresponder à vida do regenerado, mas se corresponde sempre à sua

vida. De qualquer modo, seja qual for a resposta que dermos a essa pergunta, o facto é que Paulo encontrou libertação desse estado: "Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor" (vs. 24-25).

Parece muito mais natural considerar estes versos um quadro do homem pecador mas desperto para as realidades espirituais, confrontado pela lei. Assim como nos capítulos 1 a 4 Paulo mostra que a justificação se processa pela fé e não pela lei, no capítulo 7 ele mostra que a santificação também é pela fé. Tendo sido um fariseu esclarecido, buscando a santificação pela conformidade com a lei, o Apóstolo descobriu que esta não tinha mais poder para santificar do que para justificar.

Virá esta interpretação roubar relevância ao capítulo em causa —pois onde estão hoje os fariseus esclarecidos procurando a santificação através da lei?

Esta é exactamente a mensagem para nós. Encontramo-los onde quer que haja pessoas procurando lidar com o pecado inato através da sua própria força. É então que o homem regenerado experimenta o que vem descrito em Romanos 7:14-23: quando procura a santificação pela lei em vez da graça. Tal esforço causa frustração por ser inútil. É bem expresso no verso 25b (que é um resumo dos versos 14-23): "Assim que, eu mesmo, isto é, separado de Deus com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado".

Mas o que o crente, por "si mesmo", não pode fazer, Cristo pode. "Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" (Romanos 8:1-2). □

*Professor do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City

O TRIÂNGULO DA REFORMA

—H. T. Reza

A autoridade das Escrituras, o sacerdócio universal dos crentes e a justificação pela fé, ao nascerem com o anúncio das 95 teses de Lutero, converteram-se no triângulo equilátero sobre o qual descansa o edifício do cristianismo actual, porque são a epítome da doutrina de Cristo—a Cabeça do ângulo e a Pedra de esquina.

Em 31 de Outubro de 1517, ao meio-dia, nasceu a Reforma. Lutero tornou públicas as suas 95 teses com o título: "Controvérsia para Explicar a Virtude das Indulgências". Segundo Philip Schaff, ao ouvir o som cavo das marteladas na porta da catedral, recordar-se-ia "o machado com que, setecentos anos antes, S. Bonifácio derrubara o tronco sagrado, decidindo assim a queda do paganismo alemão".

Quando em 1545 se publicaram as teses, Lutero escreveu no seu prefácio: "Permito que fiquem assim para que se veja quão débil eu era e como me sentia vacilante quando principiei esta questão. Eu era um monge e um papista demente (*papista insanissimus*), e tão embevecido nos dogmas do Papa que, de bom grado, teria morto qualquer pessoa que lhe negasse obediência".

As teses foram o resultado de convicção; os heróis morrem sempre por suas convicções. É verdade que não foram um protesto aberto contra o Papa e a Igreja Romana ou qualquer das suas doutrinas, nem sequer contra as indulgências, mas, sim, contra o seu abuso. Contudo, a semente da convicção foi semeada na terra fértil do povo, a germinação não se fez esperar e o rebento deu lugar ao tronco e aos ramos. A Reforma é hoje a árvore hercúlea de convicção que espalha sombra por onde quer que a sua folhagem se estenda.

Durante cerca de cem anos tinha-se procurado acabar com os abusos e a corrupção da igreja latina, mas nem os concílios de Pisa, Constança ou Basileia lograram isso. O papado tinha-se secularizado chegando a ser um tirano orgulhoso cujo jugo se tornara insuportável. Muitos cardeais e sacerdotes seguiram o exemplo escandaloso de alguns papas, debilitando assim o respeito dos leigos pelos clérigos. Os escritos de eruditos contemporâneos, pregadores e satíricos abundam em queixas e denúncias da ignorância e imoralidade de sacerdotes e monges. A disciplina, mesmo nos conventos, estava por terra. A teologia era um conjunto de observações, eruditas, sim, mas repleta de dialéctica aristotélica e especulações triviais, alheia e ignorante das doutrinas do evangelho.

O historiador Schaff, já citado, diz: "A piedade, que deveria proceder de uma união vital da alma com Cristo e de uma consagração do carácter, transformou-se e resumiu-se num conjunto de actividades mecânicas como a recitação de padre-nossos e avé-marias, jejuns, confissões, caridade e peregrinações à Santa Sé". Como se parecem às actividades actuais de um povo que é religioso, mas que desconhece o poder salvador de Jesus Cristo! □

TEOLOGIA ESSENCIAL

Estou empenhado numa teologia bíblica. Pode ser resumida em quatro doutrinas principais que determinam toda a gama do pensamento teológico. Engloba as doutrinas de Deus, do homem, do pecado e da salvação.

Doutrina de Deus

O Salmista estava consciente do facto de que o conceito que alguém tem de Deus é o mais importante e uma chave para a compreensão da vida e existência de todas as coisas. Refere-se constantemente ao poder de Deus, o Senhor que tem falado. Trata de um Deus grande que faz coisas maravilhosas, pois é único. De novo ele exprime a sua fé viva: "O Senhor Deus reina; está vestido de majestade".

Isto significa que ao abrir as páginas da Bíblia deparamos com: "No princípio . . . Deus". Aqui não se trata de conclusões lógicas. Existe uma afirmação concludente. É a revelação divina respeitante ao ponto central da teologia. Os teólogos do passado têm especificado os seus argumentos básicos acerca da doutrina de Deus. Tais argumentos históricos têm sido dados isoladamente e como evidência cumulativa e quase irresistível.

O Dr. H. Orton Wiley estabelece na sua *Teologia Cristã* que a crença em Deus é intuitiva e confirmada pelos argumentos cristãos históricos. É importante lembrar, ainda, que o homem finito está estritamente limitado na sua compreensão de um Deus infinito.

O meu maior interesse está em poder conhecer Deus e em o meu conceito a Seu respeito não ser demasiado pequeno. É possível o conhecimento de Deus através da Sua criação. Podemos conhecê-LO pela Sua Palavra; pelo Seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio do Seu povo; e, ainda, através da experiência pessoal.

Podemos conhecê-LO como Deus Uno e Trino. Estudar os Seus atributos. Apreciá-LO como o mais elevado e sublime; como Deus poderoso entre nós.

Doutrina do Homem

Se sei o que credes acerca de Deus, há grande probabilidade de eu saber o que pensais com respeito ao homem. A narração bíblica da origem do homem é uma fonte de informação que não precisa de ser aperfeiçoada através dos séculos. Há duas observações na Bíblia que tocam o âmago da pergunta: "Que é o homem?"

1. As Escrituras declaram que o homem é criado por Deus. Feito à Sua imagem. "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" (Gênesis 1:27). A imagem de Deus é uma figura de linguagem bela e rica que

"O Senhor reina; está vestido de majestade: o Senhor se revestiu e cingiu de fortaleza; o mundo também está firmado, e não poderá vacilar" (Salmo 93:1).

mostra a origem santa e sobrenatural do homem.

2. O homem é feito do pó da terra e é, também, alma vivente. "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra . . . e o homem foi feito alma vivente". O homem é, pois, uma criatura da terra, como são os animais. Este versículo dá ênfase à sua limitação.

As duas referências escriturísticas mencionadas revelam as dimensões do homem. É feito para as alturas. Na imagem de Deus possui a imortalidade, espiritualidade e conhecimento. Mas na sua humanidade foi tentado ao pecado e caiu. Assim, temos na Bíblia, lado a lado, a história da grandeza e da horrível depravação do homem.

Doutrina do Pecado

O homem foi, originalmente, dotado de liberdade de escolha. Através dela podia escolher servir a Deus e gozar da Sua comunhão, ou transgredir a ordem de Deus e pecar. Tentado Adão, pecou e perdeu a imagem moral de Deus. Porém, conseguiu reter a imagem natural. Este predicamento levou Pascal a exclamar: "Que mistério é, pois, o homem! Novidade, monstro, caos, objecto de contradição; um prodígio! Juiz de todas as coisas, verme imbecil da terra; depositário da verdade, poço de incertezas e rebotalho do universo".

Adão, criado à imagem de Deus e na situação de caído e pecador, gerou Sete, "um filho à sua semelhança, conforme à sua imagem". Deste modo, o pecado tem uma natureza dupla: o herdado de Adão e o pecado ou pecados cometidos por cada um de nós. "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23).

Doutrina da Salvação

Uma vez que o pecado tem uma natureza dupla, também a cura deve ser dupla. É através de Jesus Cristo nosso Senhor que alcançamos essa cura. O homem, depravado como é, pode ser redimido e receber a imagem moral completamente restabelecida. Pode ser ainda justificado e inteiramente santificado.

Este dom gratuito e maravilhoso de Deus salva o homem do seu estado perdido. Está condicionado à fé. "Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que . . . com a boca se faz confissão para salvação" (Romanos 10:9, 10).

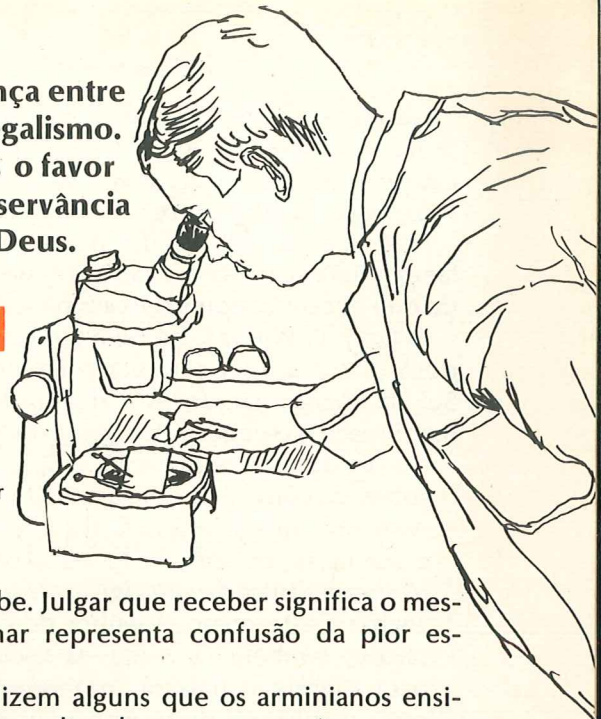
O homem remido pode adorar, amar e servir o seu Criador. Tem liberdade de escolha. O seu destino verdadeiro é "amar a Deus e gozar da Sua presença para sempre". □

—Harold W. Reed

Parece difícil a muitos compreender a diferença entre moralidade e moralismo, entre legitimidade e legalismo. Moralismo ou legalismo é a ideia de que ganhamos o favor divino por cumprir a lei moral. Moralidade cristã é a observância conscienciosa da lei moral, por gozarmos da graça de Deus.

uma insignificância IMPORTANTE

—W. T. Purkiser



Num pequeno livro intitulado *Apontamentos de Algumas Conversas Recentes entre o Rev. Wesley e Outros*, aparece o extracto de um diálogo interessante.

A pergunta inicial é:—“Não está a verdade do evangelho muito perto tanto do calvinismo como do antinomismo?”

Segue-se a resposta de João Wesley:—“Na verdade, como se fosse só por um nada, por um fio de cabelo: por isso, é ao mesmo tempo loucura e pecado afastar-nos o mais possível de qualquer deles, só por não os compreendermos”.

O interlocutor continua:—“De que modo quase tocamos o calvinismo?”

Ao que Wesley responde:—“ (1) Ao atribuir todo o bem à graça de Deus. (2) Ao negar o livre arbítrio natural e todo o poder anteriores à graça. E, (3) Excluindo do homem todo o mérito; mesmo pelo que ele é ou faz pela graça de Deus”.

—“E como nos aproximamos do antinomismo?”

—“(1) Exaltando os méritos e o amor de Cristo. (2) Regozijando-nos sobremaneira na Sua obra.”

—“Exclue a fé a necessidade de santidade ou boas obras?”

—“De modo algum. Pelo contrário, implica ambas, como uma causa provoca um certo efeito.”

No entanto, é bem claro que Wesley achou não a espessura de um cabelo mas um grande abismo entre a verdade do evangelho e a doutrina calvinista da predestinação incondicional.

Um Deus que desde a eternidade decreta a salvação de alguns e a condenação final de outros à parte da sua resposta pessoal, não é o Deus da Bíblia. “O vosso Deus é o meu diabo”, disse Wesley a alguns que ensinavam esta doutrina.

Contudo, tanto ele como outros seguidores de Armínio tornaram bem claro, como o faria qualquer calvinista, que a salvação é do Senhor, e que nenhuma obra ou mérito humano pode ganhar o dom da vida eterna.

Todos defendem que a salvação é pela graça, através da fé. Esta não é meritória em si mesma. A fé e a aceitação da graça proveniente de Deus. É a

mão que recebe. Julgar que receber significa o mesmo que ganhar representa confusão da pior espécie.

Por vezes dizem alguns que os arminianos ensinam a salvação pelas obras, porque crêem que se pode perder a graça de Deus. E acrescentam: “Se pode ser perdida, não pode ser um dom”.

É difícil encontrar pior lógica. O relógio que recebi como um presente de formatura foi-me roubado. O facto de que o perdi não significa que não fora um presente.

A espessura de um cabelo reside no facto de que a fé não é infundida na alma do homem como por uma espécie de magia celestial. A fé é a resposta da alma tocada pela graça preveniente. Constitui uma resposta que ninguém é compelido a dar.

Chegar às raízes do antinomismo exige uma outra distinção importante. Tal doutrina defende que, por “Cristo ser o fim da lei”, os cristãos não são obrigados a cumprir a lei moral como regra de vida.

Embora haja poucos que confessem o antinomismo, há o perigo de a liberdade cristã se tornar licenciosidade, e os crentes se descuidarem na observação da “lei de Cristo”.

Parece difícil a muitos compreender a diferença entre moralidade e moralismo, entre legalidade e legalismo. Moralismo ou legalismo é a ideia de que ganhamos o favor divino por cumprir a lei moral. Moralidade cristã é a observância conscienciosa da lei moral, por gozarmos da graça de Deus.

É a velha história do carro e dos bois. O moralista põe o carro à frente dos bois e admira-se por ele não avançar. O antinomiano separa o carro completamente dos bois.

Por nos “regozijarmos sobremaneira na obra de Cristo” e “exaltarmos os Seus méritos e amor”, podemos, na verdade, quase tocar o antinomismo. Aqui, a espessura de um cabelo consiste no reconhecimento de que os méritos e amor de Cristo implicam alguns imperativos.

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15), disse Jesus. O amor e a obediência não podem ser separados. □

I. Que É um Nazareno?

Nazareno é o nome que se dá a um membro da Igreja do Nazareno. Às vezes o grupo é impropriamente conhecido por *Igreja Nazarena*, *Igreja dos Nazarenos* ou ainda, forma mais simples, *nazarenos*.

Mas o nome nada nos diz. A sua origem, contudo, lança muita luz sobre a razão de ser desta igreja e do que os seus adeptos buscam para a vida.

O Dr. J. P. Widney, homem tão culto quanto piedoso (chegou a ser presidente da Universidade do Sul da Califórnia), foi um dos associados do Dr. P. F. Bresee na fundação da Igreja do Nazareno.

No dia da sua organização, o Dr. Widney pregou sobre o convite de Jesus Cristo: "Segue-me". Assinalou que a essência do cristianismo não é a aceitação de um credo ou a observância das formas e rituais de uma igreja, mas simplesmente aceitar Cristo como o Senhor do coração . . . Explicou, também, a razão da escolha do nome para a igreja. A palavra "nazareno" ocorreria-lhe certa manhã, ao despontar a aurora e após uma noite de oração. Imediatamente pareceu-lhe que simbolizava a "missão humilde e laboriosa de Jesus Cristo."

Estas palavras do Dr. Timothy Smith, no seu livro *A História dos Nazarenos*, dizem-nos muito quanto ao espírito dos nazarenos pioneiros. No primeiro convite oficial para os cultos, escreveram: "A Igreja do Nazareno é uma igreja simples, primitiva, uma igreja do povo e para o povo. Carece de novas doutrinas, possuindo somente as verdades bíblicas antigas. Intenta desfazer-se de toda a forma supérflua e das peias eclesiásticas, para reencontrar as palavras simples de Cristo".

Esta ênfase da simplicidade e dos ensinamentos de Jesus reflectiu-se na importância que a jovem igreja deu à doutrina e prática da santidade bíblica.

Assim pois, "constituímos, como nazarenos, um ramo da igreja protestante ou evangélica. Embora sejamos uma denominação jovem, as correntes e movimentos que contribuíram para a nossa organização datam de há dois séculos, no que diz respeito à nossa doutrina característica, e de há quatro, no tocante à nossa herança protestante".

II. Como Principiou a Nossa Igreja?

O grande avivamento espiritual dirigido pelos irmãos ingleses João e Carlos Wesley teve amplas repercussões na sociedade de então. É geralmente aceite que salvou a Inglaterra de uma revolução sangrenta como a francesa e, por métodos espirituais, conseguiu melhorias para os pobres e para os oprimidos em geral. Atravessou o oceano e lançou raízes na América, onde adquiriu características muito peculiares: liberdade nos cultos, o verdadei-

ro gozo da vida cristã, espírito evangelizador ou missionário. Desde o princípio, concedeu muita atenção ao que João Wesley chamara "o perfeito amor", ou seja a santidade do coração e vida. Tudo isto contribuiu para o início e crescimento da igreja metodista nos Estados Unidos.

O desejo de conservar viva esta doutrina e de a pregar provocou o aparecimento de congregações independentes. Algumas formaram grupos entre si e dois destes grupos uniram-se em Outubro de 1908, dando assim origem oficial à Igreja do Nazareno. O *Manual*, livro que contém as nossas doutrinas em forma sistemática e a forma de governo da igreja, expressa assim o seu processo de formação:

Nos fins do século dezanove desenvolveu-se, quase que simultaneamente, em várias partes dos Estados Unidos, um movimento para a expansão e conservação da santidade bíblica sob a forma de uma igreja organizada. Este movimento era semelhante ao do século anterior, historicamente conhecido como a revivificação de Wesley. Manifestou-se por toda a parte uma aproximação espontânea na unidade de espírito no sentido de uma afiliação estreita entre os da mesma preciosa

MINISTÉRIO DA IGREJA DO NAZARENO POR TODO MUNDO

—Sérgio Franco



fé, e que finalmente culminou na organização da Igreja do Nazareno.

III. Como Cresce

Partindo de um princípio bastante modesto, no que diz respeito ao número de adeptos, templos ou recursos materiais, o crescimento da nossa igreja tem sido constante—sem dúvida pela bênção e graça de Deus. Em 8 de Outubro de 1908, quando começou a trabalhar em bases nacionais, tinha 228 congregações, com 10 414 adeptos. Em 1977 tínhamos 625 152 membros reunindo-se em 6 789 congregações, em 62 países ou áreas mundiais.

Entretanto, mais importante que o aumento numérico é o progresso espiritual que desejamos para todos os nossos adeptos. Atribuímos ao crescimento individual a causa da edificação de todo o corpo. Com esta finalidade, a igreja oferece alimento espiritual sob as seguintes formas:

- um altar do qual se podem acercar a qualquer hora os que se querem arrepender dos seus pecados e receber Jesus como Salvador e Senhor,

e onde os cristãos podem encontrar ajuda e comunhão com Deus;

- o cuidado e conselho piedoso dos seus pastores;
- cultos de adoração e evangelismo em que Deus é glorificado e os crentes fortalecidos na fé;
- oportunidade para os cristãos buscarem o batismo com o Espírito Santo;
- classes da Escola Dominical para todas as idades, onde se estuda a Bíblia.

Creemos que o crescimento espiritual resultante da plenitude do Espírito Santo, de acordo com a promessa e exortação da Bíblia (Efésios 5:18), é sólido, bíblico e integral.

IV. Como Se Expande

Todos os que verdadeiramente encontraram Jesus desejam falar d'Ele. Foi assim com quantos O conheceram durante a Sua vida na Palestina, e passa-se o mesmo com todos que, pela fé, dão lugar a Cristo no coração (Apocalipse 3:20). Além disso, Ele enviou o Espírito Santo para que os Seus seguidores recebessem "poder" tal que "Lhe fossem testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra" (Actos 1:8). P. F. Bresee, fundador da nossa igreja, disse: "Temos obrigação de dar a todos os homens o evangelho na medida em que o recebemos".

Impelidos por esta dinâmica, nós, os nazarenos, levamos o evangelho a todas as regiões da terra, a todas as comarcas, por qualquer porta que providencialmente se nos abra. Louvamos a Deus pelo crescimento que nos tem dado, mas não estamos satisfeitos, e por um motivo: a população do mundo cresce vertiginosamente e há sempre milhões de seres humanos que ainda não ouviram uma única vez as boas novas de que Jesus Cristo veio à terra para redimir a humanidade.

A nossa igreja tem pastores e missionários à volta do globo. A maneira básica como trabalhamos é pela evangelização e conversão de pessoas que depois se organizam em igrejas ou congregações locais onde adoram a Deus, ouvem a pregação da Palavra e exercem o seu testemunho e serviço cristão. Creemos que cada igreja local faz parte do "corpo de Cristo" (Efésios 5:23) e que em seu seio há pastores e mestres por cujo ministério os crentes podem chegar a ser "pessoas maduras, desenvolvidas até à estatura completa de Cristo" (Efésios 4:11, 13). Consideramos a congregação local a base de todo o nosso trabalho.

V. Como Funciona a Nossa Igreja?

Ela trabalha em três níveis: o geral ou mundial, que envolve os programas de expansão para toda a



igreja ao redor de um dado distrito; e o local, que corresponde à vida e trabalho de uma determinada congregação.

Também temos três estruturas ou órgãos de governo, um para cada nível: a Assembleia Geral, a Assembleia Distrital e a Junta Local da Igreja.

A Assembleia Geral é o órgão legislativo máximo. Dado que "o governo da nossa igreja é representativo", compõe-se de delegados—igual número de ministros e leigos—eleitos pelas Assembleias Distritais e pelos representantes dos Distritos Missionários que ela mesma estipule. A Assembleia Geral reúne-se de quatro em quatro anos.

Ela elege todos os dirigentes internacionais da igreja, tais como os 6 superintendentes gerais que servem durante o quadriênio respectivo, supervisionando a marcha do trabalho mundial. Sendo o principal órgão legislativo da igreja, pode emitir regulamentos para todos os seus departamentos, sempre que não estejam em desacordo com a sua Constituição.

A Assembleia Geral elege também os membros da Junta Geral, que é um órgão legislativo e administrativo que funciona no intervalo das assembleias gerais, reunindo-se uma vez por ano.

A nível de distrito, a igreja é governada e administrada pela reunião anual da Assembleia Distrital, sendo esta constituída pelos pastores, ministros e oficiais do distrito, pelos oficiais das diversas organizações e por um número estipulado de leigos eleitos pelas respectivas igrejas.

Em cada Assembleia Distrital os pastores apresentam um relatório do seu trabalho, e é também este órgão que elege os oficiais que levarão a cabo os diversos programas do distrito. As suas sessões são presididas por um superintendente geral ou, na falta deste, pelo superintendente distrital. Além das sessões de trabalho inclui cultos públicos para a inspiração dos delegados e visitantes. A assembleia constitui, geralmente, um acontecimento de grande relevo na vida de um distrito.

Ainda a nível distrital, a nossa igreja legisla e administra mediante a Junta Consultiva do distrito, formada por cinco pessoas: o superintendente distrital (que nesse distrito é o supervisor das igrejas e dos seus programas em geral), 2 presbíteros (ministros ordenados) e 2 leigos, sendo os últimos quatro eleitos pela Assembleia Distrital.

A nível local, o governo é exercido pela Junta da Igreja, órgão que representa toda a congregação. É formada pelo pastor, pelos oficiais das diversas sociedades ou grupos existentes na comunidade religiosa e por um número especificado de membros da igreja. A responsabilidade desta junta é velar

pelos interesses da igreja local e da sua obra, de acordo com o pastor.

Como se pode ver, temos, em todos os níveis, um sistema representativo de governo. Cremos que os crentes formam a igreja, o corpo de Cristo, e que têm o privilégio e reponsabilidade de participar na sua direcção e governo.

VI. Como Participa o Nazareno na Sua Igreja?

O que foi dito anteriormente leva-nos a acrescentar algo sobre a contribuição do leigo à vida da igreja. O nazareno não é um mero espectador. Participa nos cultos louvando a Deus que o redimiou e santificou. Está interessado em que seus amigos e queridos conheçam a graça redentora de Cristo, e por isso procura repartir com eles o evangelho.

Além disso, apoia a igreja com os seus dízimos e ofertas. Demonstra, assim, a consciência de que Deus é o dono da sua vida e de tudo que possui, do qual é somente mordomo.

VII. Como Vive?

O nazareno recorre diariamente à graça de Deus para viver o que a sua igreja prega—a santidade de coração e de vida. Isto significa, do lado positivo, uma dedicação da sua pessoa aos propósitos divinos, de acordo com Romanos 12:1, 2; a sua separação não é, portanto, isolamento ou fanatismo, mas uma dedicação dinâmica para ser um agente da vontade de Deus neste mundo necessitado.

Do lado negativo, significa que o nazareno quer "evitar o mal de toda a espécie", como diz o *Manual*, seu livro de conduta. Não deseja contribuir de forma alguma com o seu dinheiro, influência, voto ou outra ajuda para a propagação ou manutenção do mal ou das trevas neste mundo. Pelo contrário, luta vigorosamente, com as armas que a Bíblia põe ao seu alcance, para o avanço da justiça, da compaixão e, sobretudo, do evangelho do seu glorioso Senhor e Salvador. Vive, gozoso e activo, uma vez livre e redimido, enquanto, ao mesmo tempo, espera o dia do prometido regresso do seu Senhor; pois sabe que ver Cristo, estar com Ele e agradar-Lhe é a suprema felicidade e motivação da sua vida.

O nazareno reconhece que há muitos cristãos genuínos em outros grupos religiosos à volta do mundo. Todos os que invocam o nome de Jesus Cristo como Salvador e Senhor são seus irmãos; por estes ele ora, rogando que, entre os nazarenos e todos os demais cristãos, haja a unidade que Cristo pediu para os Seus (João 17).

Convidamo-lo a tomar parte na nossa comunhão. Venha e ajude-nos a ganhar o mundo para Cristo. □

Levantando a CRISTO





a liturgia e a reforma

—Acácio Pereira

A palavra "liturgia" evoca um grande número de ritos e cerimónias. Faz-me lembrar, particularmente, o tempo em que fui mestre-de-cerimónias num seminário católico; e que tinha de decorar todas as palavras, vestimentas, gestos, incensações e movimentos oscilatórios ascendentes e descendentes dos participantes numa função litúrgica. Um passo em falso representaria um fracasso e, talvez, uma repreensão ou castigo. Tudo era metódico e ritmado principalmente nas grandes solenidades.

O termo português vem do verbo grego *leitourgeo*, que significa, em geral, "prestar serviço". O seu uso religioso no Velho Testamento (Êxodo, Números, Crónicas e Ezequiel) compreendia as cerimónias que os sacerdotes e levitas efectuavam no templo. No Novo Testamento (Romanos 15:27; II Coríntios 9:12; Filipenses 2:17, 30) Paulo usou-o no sentido de serviço, sacrifício e acção litúrgica. Neste sentido, toda a igreja, quando os crentes se reúnem para o culto, realiza uma "liturgia" ou serviço de adoração a Deus.

Lutero, ao afixar em 1517 as 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, deu início a um movimento que atingiu em cheio as pompas litúrgicas, sobretudo, dos mosteiros e catedrais. Simplificando as doutrinas, simplificava simultaneamente a respectiva liturgia.

Atrás da liberdade e espontaneidade da Reforma vieram abusos e falsas interpretações litúrgicas conducentes, por vezes, a erros nem sempre previstos.

Por isso, foi em boa hora que Lutero e Zuínglio se reuniram em 1523 para tratarem de estabelecer certas normas litúrgicas e suprimir outras.

De modo geral, a liturgia teve de se adaptar às circunstâncias, tornando-se mais simples e acessível. Fê-lo unindo-se à Reforma para, juntas, concretizarem os alvos propostos, voltando "às fontes" que era a igreja primitiva. Assim:

1. A missa deu lugar ao culto, uma forma de adoração mais inteligível, sem transubstanciação, uma vez que "Jesus tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à dextra de Deus" (Hebreus 10:12).

2. Ficou suprimido o uso do latim, do calendário litúrgico, do martirologio romano e das imagens.

3. Os sacramentos ficaram reduzidos a dois: batismo e Santa Ceia.

4. Foi aceite a doutrina sobre a suprema autoridade da Bíblia, como Palavra de Deus; a justificação pela fé e não pelas obras ou méritos dos santos; o sacerdócio universal dos crentes, como doutrina escriturística, com acesso directo a Deus, sem necessidade de intermediários; e Jesus Cristo como único Chefe da Igreja.

Com estas reformas doutrinárias era natural que a liturgia ficasse reduzida e, em alguns casos, simplesmente eliminada. Mas a reconstrução litúrgica impunha-se como parte essencial da Reforma do século XVI. E é maravilhoso como se concretizou em autenticidade e espontaneidade. □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

paz interior—moral ou religiosa?

A pergunta parece bastante inocente. No entanto, surge da dúvida se a natureza humana pode ser transformada, ou se a santificação é possível neste mundo pecaminoso.

O cristianismo providencia certa espécie de paz. Jesus disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14:27).

E quem poderá negar que as pessoas do nosso tempo—e de todas as eras—procuram paz interior?

É a paz que Jesus dá apenas proveniente de aceitação perante Deus? Se assim é, o homem continua tão pecador como antes e regozija-se pelo facto de que, se não foi transformado, pelo menos foi *justificado* aos olhos de Deus.

Ou é a paz que Jesus dá resultante de reconciliação com Deus, de redenção e santificação? Esta é a paz que pode remediar as relações desfeitas desta sociedade corrupta. O nosso mundo só será transformado quando o for primeiro o coração do homem.

A aceitação e a justificação são boas e necessárias. O afastamento e isolamento do homem do século XX só pode terminar por meio da aceitação divina. Mas, por si só, isto é inadequado para fazer com que o homem deixe de cometer o mal, e para purificar as suas motivações egoístas.

O homem deve libertar-se de si próprio, se deseja transformar-se a si e ao mundo. A sua paz com Deus deve ser algo mais que simples transacção judicial religiosa; antes, ser acompanhada de renovação moral, da santificação.

Ninguém, seja ou não crente, pode negar com seriedade a existência de algo drasticamente errado na raça humana. Nisto todas as religiões estão de acordo. E todas concordam, como o expressou William James, que "somos salvos desse mal por meio de contacto apropriado com os poderes supremos".

Porém, John Baillie refinou esta observação ao dizer: "Só no evangelho de Cristo há provisão para se enfrentar a maldade do homem, porque, verdadeiramente, só aqui se compreende a sua profundidade".

O evangelho ensina-nos que "o fardo do mal foi carregado pelo próprio Deus. Não é que pelo contacto com Ele possamos endireitar as nossas maldades. Pois então . . . o empreendimento seria nosso em parte; e o orgulho que expulsámos pela porta da frente entraria pela de trás".

Tanto a salvação como a paz de Jesus constituem um dom divino. O homem não pode fazer o bem por si mesmo. Só Deus pode. Ele aceita-nos tal como somos, sem esperar que primeiro sejamos transformados.

Esta é a essência do evangelho. Paulo concluiu "que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei" (Romanos 3:28). Ninguém é salvo pela "justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé" (Filipenses 3:9).

O Apóstolo sabia que só assim é que alguém se liberta do orgulho, pois acrescentou: "Onde está, logo, a jactância? É excluída" (Romanos 3:27).

Charlotte Elliott exprimiu esta verdade bíblica no hino:

*"Tal como estás!" sem esperar
Que o coração vá melhorar,
Mas para graça em Cristo achar,
Por fé, vem a Jesus!*

A salvação—libertação do pecado—começa com a libertação da culpa. Traz perdão, aceitação diante de Deus—justificação. Mas o seu alcance inclui, também, a santificação ou vida santa. O poder e domínio do pecado são vencidos. Por isso, o Apóstolo se referia aos crentes do Novo Testamento como a "santos". Pregava, especificamente, que "não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação" (I Tessalonicenses 4:7).

A relação entre a justificação e a santificação nem sempre se tem compreendido claramente na história do pensamento cristão. A igreja da Idade Média não fez distinção clara entre ambas, nem ensinou que a justificação—pelo menos na ordem do pensamento—precede a santificação. A igreja alterou, erradamente, a ordem insistindo que primeiro se devem fazer boas obras—isto é, ser bom—antes de se poder ser aceite diante de Deus.



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

Lutero e outros reformadores corrigiram o erro com ênfase na justificação somente pela fé (*sola fidei*). Contudo, alguns dos seus seguidores não deram a importância devida à doutrina da santificação. Fizeram do perdão e justificação o plano total da salvação.

Para eles, a graça não é um poder infundido por Deus—como mantinha o pensamento medieval—mas apenas um favor imerecido de Deus. No entanto, trata-se de um ponto de vista parcial que falha em tomar a sério a exortação bíblica a uma vida santa e o poder da graça que a faz possível.

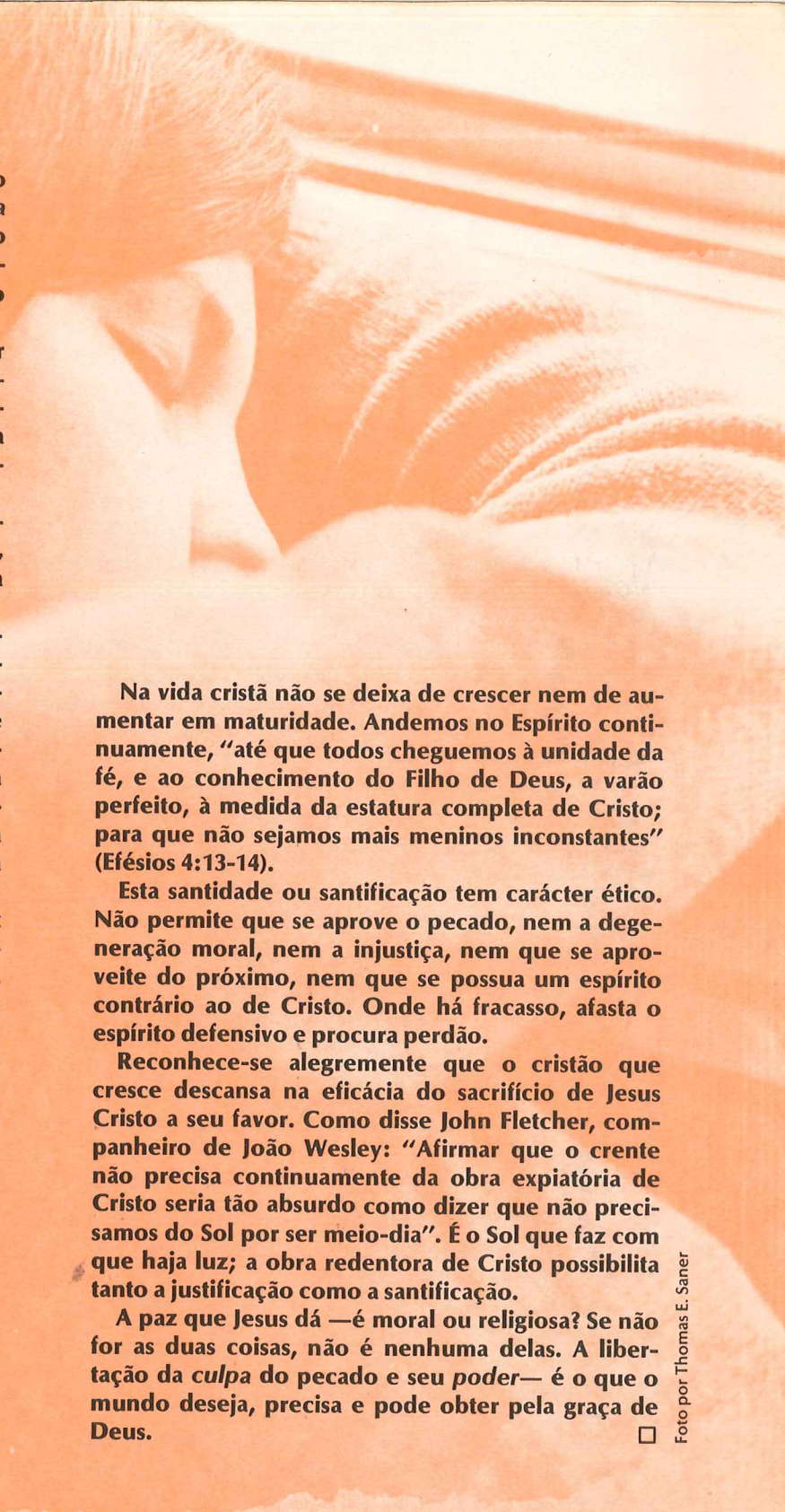
Onde não há santidade, não pode haver justificação. “A justificação que não conduz à santificação, não pode ser verdadeira justificação”. Esta doutrina foi proclamada por João Wesley e outros.

Reinhold Niebuhr apresentou deste modo o problema da relação entre a justificação e a santificação: “O problema”, escreveu, “é se a graça de Cristo é primariamente um poder para a justiça, que cura o coração perverso capaz doravante de cumprir a lei do amor; ou se é, principalmente, a certeza da misericórdia divina para com a propensão constante para o pecado, que o homem nunca domina completamente . . . Foi isto que levou a Reforma Protestante a separar-se do Catolicismo clássico.”

Ou, pondo a questão de modo diferente: É a paz que Jesus dá “uma paz moral, a paz de se ter tornado o que se é realmente; ou uma paz religiosa, a paz de se estar completamente perdoado, de se ser aceite por Deus, apesar da propensão contínua do coração para o pecado?”

Os wesleyanos mantêm que na conversão o poder do pecado é anulado. A salvação bíblica inclui tanto a justificação como a santificação. É-se aceite diante de Deus; mas existe transformação moral e começa então um processo divino que nos introduz na vida de santidade.

Por isso, Paulo orava a Deus que a obra de santificação iniciada na conversão dos tessalonicenses desse fruto na vida desses crentes: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Tessalonicenses 5:23).



Na vida cristã não se deixa de crescer nem de aumentar em maturidade. Andemos no Espírito continuamente, “até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo; para que não sejamos mais meninos inconstantes” (Efésios 4:13-14).

Esta santidade ou santificação tem carácter ético. Não permite que se aprove o pecado, nem a degeneração moral, nem a injustiça, nem que se aproveite do próximo, nem que se possua um espírito contrário ao de Cristo. Onde há fracasso, afasta o espírito defensivo e procura perdão.

Reconhece-se alegremente que o cristão que cresce descansa na eficácia do sacrifício de Jesus Cristo a seu favor. Como disse John Fletcher, companheiro de João Wesley: “Afirmar que o crente não precisa continuamente da obra expiatória de Cristo seria tão absurdo como dizer que não precisamos do Sol por ser meio-dia”. É o Sol que faz com que haja luz; a obra redentora de Cristo possibilita tanto a justificação como a santificação.

A paz que Jesus dá —é moral ou religiosa? Se não for as duas coisas, não é nenhuma delas. A libertação da culpa do pecado e seu poder— é o que o mundo deseja, precisa e pode obter pela graça de Deus. □

Foto por Thomas E. Saner

Um livro dinâmico que revolucionará a sua vida.

O Espírito de Santidade
—E. Lewis Cattell

Encomende hoje o seu exemplar à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.



Preço U.S.\$1.50

Sete capítulos absorventes:

- I. O Elemento Tempo na Salvação
- II. A Santificação do Eu
- III. A Vida Controlada pelo Espírito
- IV. A Direcção do Espírito
- V. Orando no Espírito
- VI. A Unidade do Espírito
- VII. Definição do Amor

(317) 13

o brado da reforma ... continua

—Armando de Sá Nogueira*

Martinho Lutero foi usado para iniciar o brado de Deus a favor da restauração da doutrina da salvação por meio da fé em Jesus. Cumpre-nos continuar, como canais desimpedidos e cheios de poder, a revelar aos homens que a única solução para os conflitos mundiais e pessoais é a paz de Cristo!

Afinal, estimado leitor, o brado da Reforma é o brado do Espírito. Que tu e eu leiamos a Bíblia com amor, oremos com dependência, jejuemos com discernimento, ofertemos generosamente, amemos os nossos inimigos, evangelizemos e confortemos os marginalizados, ajudemos os pobres e famintos, falemos da salvação de Cristo aos responsáveis pela nação, segundo as nossas oportunidades.

Como cristãos, qualquer que seja a nossa igreja, oremos por um grande avivamento mundial. Não nos esqueçamos que Deus atendeu o pedido de Abraão até onde ele teve coragem de pedir. As cidades pecaminosas de Sodoma e Gomorra iam ser destruídas. Abraão intercedeu por Sodoma:

—“Destruirás também o justo com o ímpio? Se porventura houver cinquenta justos na cidade, destruí-los-ás também e não pouparás o lugar por causa dos cinquenta justos que estão dentro dela?” (Gén. 18:24).

Deus respondeu sempre que não destruiria. Mas Abraão deixou de insistir e limitou o número a dez:

—“Se porventura se acharem ali dez?”

—“Não destruirei por amor dos dez”.

O Livro de Deus narra em seguida: “E foi-se o Senhor, quando acabou de falar a Abraão; e Abraão tornou ao seu lugar”.

Meditemos. Se Abraão tivesse suplicado de novo desta maneira: “Se porventura se achar uma pessoa, pouparás a cidade?” Mas parou de pedir. Por isso, deixou de receber. Só Ló e os familiares escaparam...

Por este episódio bíblico, o Espírito diz-nos que Deus Se move com a intercessão persistente. Estão sendo usados o teu coração e os teus lábios para proclamar a verdade, a santidade e a realidade da segunda vinda de Cristo?

Se não, ajoelha-te já, ou inclina a tua cabeça onde estás, e faz esta oração: “Senhor, só tenho esta vida. Terei de prestar contas das oportunidades que tive. Usa-me já. E se não o podes fazer por alguma falha minha, revela-me onde está o erro. Obedecerei imediatamente, endireitando tudo. Amém!”

Irmãos em Cristo, o brado da Reforma só acabará na vinda de Cristo. Então, sim, pararemos de escrever, testificar e pregar. Até lá, vamos ao Trono da Graça Divina em oração incessante, porque Ele quer salvar o mundo.

Recordemos que o tempo para o Senhor não é o mesmo que para nós: para Ele um dia pode ser mil anos, e mil anos um dia. Não quer isto dizer que retarde a Sua promessa, como alguns pensam. O facto é que o Senhor é muito paciente para conosco e não quer que ninguém se perca, mas que todos se arrependam” (II Pedro 3:9).

Que Deus misericordioso! □

*Santiago, Cabo Verde

Afinal, que é um cristão?

● Um indivíduo emocionalmente fraco que precisa de Deus como apoio psicológico?

● Uma vítima ignorante que contraiu uma doença, como se apanha um resfriado?

● Um objecto humano que tem sido culturalmente condicionado para responder e comportar-se de determinada maneira?

● Um tipo de personalidade previsivelmente fanática?

Quem poderá argumentar que não há cristãos professos que são emocionalmente fracos? É evidente que há crentes cujos neurónios têm estado em repouso durante décadas. E há pessoas que se declaram cristãs e são mais condicionadas do que elas próprias gostariam de admitir. Também há na família de Deus indivíduos de personalidade previsível. Mas estas características não são limitadas a comunidades dos “cristãos”. Podem existir em todos os grupos de pessoas. A nossa preocupação é determinar o que é distintivo do verdadeiro cristão.

Começemos por declarar abertamente que um cristão é um indivíduo que chegou à conclusão de que Deus existe. Ele crê que Jesus —Aquele que invadiu o planeta Terra— também é Deus. Tem ouvido esse mesmo Jesus sussurrar:

“Morri por ti...

Vem a Mim...

Confessa o teu pecado e egoísmo...

Crê em mim...

Arrisca a tua vida por Mim...

Dedica-te a seguir-Me...”

QUE É UM CRISTÃO?

—Don Posterski

E, a despeito da cultura, ou experiência, ou cor da pele, ou naturalidade, ou temperamento, ou disposição, ou sexo, ou tamanho —quando alguém aceita o convite de Cristo

- para vir
- para confessar
- para crer
- para arriscar
- e para seguir—

transforma-se num cristão.

Mas esse é só o princípio. Tornar-se cristão é como a cerimônia do casamento, enquanto que ser cristão é como a vida de casado que se segue. E nesse casamento espiritual, a relação com Cristo é uma experiência dinâmica. Descobre-se a vida projectada pelo Criador.

Há este sentido de se ser uma nova pessoa —alguém diferente, transformado. A novidade de vida não é simples inovação. Existe uma nova preocupação e aspiração por uma vida mais elevada. O ódio e ressentimento tornam-se inaceitáveis. Forças sanadoras restauram o que está destruído. O amor e perdão anseiam por se exprimirem. Confronta-se a inveja e ambição. Os valores do passado são reavaliados. O egoísmo curva-se a um sentido das necessidades alheias e da importância de outras pessoas. Atitudes antigas são creativamente transformadas. O indivíduo emerge com dignidade, beleza e valor. Há uma dimensão de esperança que confere poder para lidar com o presente, assim como promessa de um futuro garantido. A vida adquire emoção, propósito e sentido.

Através do caminho, o crente começa a responder às necessidades da sua sociedade, com um sentido de missão. Eventualmente, reconhece que o cristão é um radical no seu mundo. É um membro de um movimento revolucionário. Vive com dedicação . . . dedicação a fenómenos como

- verdade
- justiça
- princípios
- gente.

O cristão recusa-se a ser moldado pela corrente da vida que o envolve. Luta contra a conformidade. E, então surpreende-nos por apelar para outro tipo de conformidade —conformidade a Cristo e aos interesses do reino de Deus. Acaba por ser uma pessoa singular. Algumas vezes está desfasado em relação à gente que o rodeia, e sente-se só e estranho— como um forasteiro em terra alheia. É então que acha conforto ao lembrar-se que o seu amigo Jesus lhe mandou ser “sal” e “luz” no lugar onde estiver. Mas, mesmo sabendo que a verdade está do seu lado, são precisas serenidade e poder especiais para não se sentir ameaçado pela força da maioria.

O estilo de vida radical do cristão é revelado em parte pelas perguntas que dirige a si mesmo no processo de fazer decisões. Em vez de inquirir: “Funcionará?”, o seu sistema de valores leva-o a perguntar: “É justo?” Em vez de: “Poderá ser feito?”, enfrenta: “Deverá ser feito?”

O cristão é uma pessoa que renunciou ao direito de se governar a si mesmo. Em vez disso, curva-se perante Deus e exclama: “Revela-me a Tua vontade, e fá-la-ei”. Não é de estranhar que procure honestamente cumprir algumas das coisas difíceis que se encontram no livro de instruções dado por Deus. Marcha sob ordens como—

- “Nega-te a ti mesmo”
- “Ama o teu inimigo”
- “Perdoa aquele que te atraiçoa”.


Mas não te sintas desencorajado. O cristão é, ainda, uma pessoa média, por vezes forte, por vezes fraca. É alguém que:

- por vezes crê—outras vezes duvida
- por vezes se entusiasma—outras vezes se aborrece
- por vezes é sensível—outras vezes, distraído
- por vezes corre—outras vezes tropeça
- por vezes é vulnerável—outras vezes vai pelo seguro
- por vezes tem esperança—outras vezes desespera
- por vezes é altruísta—outras vezes, egoísta
- por vezes obedece—outras vezes recusa-se a obedecer.

Mas mesmo com o oscilar do pêndulo, a direcção da sua vida mantém-se inalterável. Move-se em direcção a Deus e não para longe d’Ele. Claro que há momentos em que pára e não avança. Talvez haja mesmo ocasiões em que retroceda. Mas desperta de novo e continua a viagem com o seu Senhor e Salvador. □








SACERDÓCIO DE TODOS OS CRENTES

Uma das verdades surpreendentes que ressalta da Palavra de Deus e me chama a atenção, é a que se encontra em I Pedro 2:5-9. Pedro, ao escrever sobre o nosso carácter como cristãos, recorda que somos "sacerdócio real".

Sacerdotes? Certamente não! Contudo é o título dado por Pedro aos que crêem no Senhor Jesus Cristo, a todos que estão "santificados pelo Espírito".

Os chefes da Reforma, como Martinho Lutero e João Calvino, concordaram em três coisas: (a) na salvação pela fé e não pelas obras; (b) na Palavra de Deus como base da doutrina e única autoridade para a vida cristã; e (c) no sacerdócio de todos os crentes.

Mas, que significa o sacerdócio de todos os crentes?

1. Que Deus nos ouve. Não precisamos de recorrer a um sacerdote, santo ou anjo para interceder por nós. Deus estabeleceu as coisas de tal maneira que com as nossas orações temos acesso directo à Sua presença.

2. Que somos filhos do Rei. Não somos bastardos. Deus tornou-nos membros da família real. Temos direito a andar com a cabeça levantada —representando em toda a parte o Rei dos reis, o

Chefe da igreja e o Criador do universo.

3. Que não existe duplo modelo no cristianismo. Quer o nosso trabalho seja secular ou religioso (uma distinção ilusória), a qualidade da nossa vida espiritual deve ser a mesma. Os ministros e os leigos têm o mesmo privilégio de ser santificados. A honestidade, integridade, responsabilidade e rectidão são exigidas de quantos se aproximam da presença de Deus.

Esta verdade diz-nos que nem só os ministros podem ter uma vida de santidade. Os que trabalham no mundo, casam, têm família e lar, são santificados pela comunhão com Deus.

4. Que todo o crente pode e deve ter parte na obra da igreja. O sacerdócio de todos os crentes é a base das grandes tradições congregacionais do governo da igreja. Oferece-nos uma parte vital no ministério da Igreja de Cristo, incluindo a responsabilidade de conservar a reputação do seu carácter.

Uma das forças da Igreja do Nazareno é o facto de contar na sua direcção com a voz activa da congregação. Assim, todo o nazareno participa no progresso da igreja e do reino de Deus.

5. Que todo o crente leva consigo o nome de Deus. Os sacer-

dotes do Velho Testamento eram identificados como sacerdotes de Deus. Nós também o somos. Perencemos-Lhe. Levamos conosco a Sua reputação.

É uma grande responsabilidade. Indica que devemos revelar pureza nas nossas palavras e acções. Pedro lembra-nos: "Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:16).

6. Que somos responsáveis pela evangelização do mundo. O sacerdote tem a obrigação de apresentar a Deus as cargas do povo. Como sacerdotes de Deus devemos interceder pela necessidade tremenda do mundo. Temos que proclamar o evangelho.

A igreja primitiva reconheceu que a responsabilidade de evangelizar não pertencia unicamente aos apóstolos, mas a todo o cristão. Começou a crescer não só em Jerusalém, mas também nas vilas e cidades para onde foram dispersos os cristãos.

A igreja chegou a Samaria. Damasco foi o lugar onde Cristo enfrentou Saulo de Tarso e o converteu no apóstolo Paulo. Antioquia tornou-se um centro de propagação do evangelho.

A igreja evangélica captou esta visão. Da Europa saíram missionários para todas as partes do mundo.

A Igreja do Nazareno cedo reconheceu que o evangelismo e as missões não são prerrogativa exclusiva dos ministros. Os seus leigos participaram sempre no evangelismo mundial. Harmon F. Schmelzenbach, levado pela compaixão dos perdidos de África, avançou não como ministro mas como leigo. Porém, ministro ou leigo, foi um "sacerdote real" de Deus e levou a mensagem da salvação a milhares.

Eu sou sacerdote. Posso falar com Deus. Pertença-Lhe. Tenho vida n'Ele e posso compartilhá-la com os outros. Que grande privilégio!

Mas também que grande responsabilidade! Implica levar o nome de Deus em toda a santidade e pureza. Responsabilidade em apresentar o mundo a Cristo e Cristo ao mundo. □